



A pulsão de morte na dinâmica transferencial*

Luciane Falcão**, Porto Alegre

O autor propõe reflexões sobre o papel da pulsão de morte na transferência. Demonstra como essa pulsão age na análise, construindo um paralelo entre a formação do aparelho psíquico e o trabalho analítico. Descreve como esse trabalho está permanentemente intrincado com a questão da dualidade pulsional. Articula questões teóricas embasadas em pensamentos da psicanálise francesa contemporânea. Retoma o conceito de pulsão de morte e sua importância no edifício metapsicológico freudiano. Discute a questão referente ao que significa o estado anterior e o biologismo de Freud. Essas reflexões levam a refletir também sobre a função desobjetalizante na dinâmica da transferência e o par sujeito e objeto, considerando que, para se pensar a questão da desobjetalização na relação transferencial, será preciso considerar a forma como a separação sujeito/objeto ocorreu. Finaliza assinalando a necessidade da ligação para existir o ser psíquico.

Descritores: Pulsão de morte. Transferência. Contratransferência. Trabalho analítico. Função desobjetalizante. Biologismo em Freud. Par sujeito/objeto. Ligação.

* Este artigo é parte de um conjunto de reflexões escrita sobre pulsão de morte: (1) *Pulsão de morte: um ensaio reflexivo*, apresentado na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre em 11 de agosto de 2011a; (2) *O pulsional, a destrutividade e a cultura*. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 18, dez./2011b.

** Psicanalista, membro efetivo da SPPA.



“Reza a lenda que primeiro foi a Escuridão, e da Escuridão surgiu o Caos. Da união entre a Escuridão e o Caos surgiram a Noite, o Dia, Érebo e o Ar. Da união entre a Noite e Érebo surgiram o Destino, a Velhice, a Morte, o Assassinato, a Moderação, o Sono, os Sonhos, a Discórdia, a Miséria, a Aflição, Nêmesis, a Alegria, a Amizade, a Misericórdia, as três Parcas e as três Hespérides. Da união entre o Ar e o Dia surgiram a Mãe Terra, o Céu e o Mar. Da união entre o Ar e a Mãe Terra surgiram o Terror, o Ofício, a Raiva, a Luta, as Mentiras, os Juramentos, a Vingança, a Intemperança, a Altercação, o Pacto, o Esquecimento, o Medo, o Orgulho, a Batalha e também Oceano, Métis e outros titãs, o Tártaro, as três Erínias, ou Fúrias. Da união entre a Terra e o Tártaro surgiram os Gigantes” (Robert Grave, 1955, p. 40).

Pensar a dinâmica transferencial cem anos depois dos artigos de Freud sobre técnica (1911-1915)¹ implica percorrer a maior parte de seu pensamento e das alterações que o descobridor da psicanálise propôs. Muitas vezes a experiência clínica exigiu dele repensar esses aspectos. A questão pulsional, nesse sentido, foi um marco. Os pontos a serem discutidos sobre esses cem anos a respeito da *Dinâmica da transferência* são muitos e certamente o volume XIX, nº. 1 de 2012, da *Revista de Psicanálise da SPPA* abrangerá os principais. Limitarei meu artigo à questão do *papel da pulsão de morte na transferência* entendendo a posição freudiana que a destrutividade se infiltra também na transferência como uma ação desta pulsão que é capaz de ocultar as manifestações da libido. Para isso, retomarei aspectos que considero básicos à compreensão da pulsão de morte na constituição do aparelho psíquico e, conseqüentemente, na relação transferencial, uma vez que entendo que o que se passa no *setting* analítico, entre os dois personagens da cena analítica, contém dois aparelhos psíquicos. Assim, nessa cena, um diante do outro, um dentro do psiquismo do outro, numa via de mão dupla, veremos movimentos pulsionais que pertencem a esses dois personagens, mas também criarão outros, que serão únicos de cada dupla. Conseqüentemente, numa relação transferencial, estará presente, sempre, a relação contra-transferencial. Podemos afirmar que esse é um ponto que diferencia a prática psicanalítica inicial – a desenvolvida por Freud – das formas de análise contemporâneas. Na primeira, víamos que tudo era o paciente que *transferia* para o analista. Vale lembrar que Jung teve relações sexuais com sua paciente Sabrina Spilrein e que, quando relatou

¹ Entre eles *O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise* (1911), *A dinâmica da transferência* (1912a), *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912b), *Sobre o início do tratamento* (1913), *Observações sobre o amor transferencial* (1915 [1914]).





a situação para Freud, esse entendeu que eram os *aspectos libidinais da paciente* que estavam presentes, seu *comportamento sedutor feminino...* Hoje, não concebemos um tratamento psicanalítico sem considerarmos as duas mentes, os dois psíquicos, os dois protagonistas da cena e, ao mesmo tempo, a alteridade destes dois protagonistas não pode ser negada.

Iniciarei minhas reflexões considerando a existência de três teorias da pulsão em Freud, a saber:

- a) pulsões de autoconservação, ditas pulsões do eu e pulsões sexuais (até 1913);
- b) libido do eu (ligada ao eu, às pulsões do eu e às pulsões de autoconservação – o narcisismo) e libido de objeto (*À guisa de introdução ao narcisismo*, 1914a);
- c) pulsão de vida e pulsão de morte (*Além do princípio do prazer*, 1920).

Há, no entanto, outros autores, como Paul Denis (1997, 2007), que consideram quatro teorias em Freud. A primeira é a que aparece em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), em que a oposição pertinente, constitutiva do movimento psíquico, se faz entre as pulsões sexuais e a pulsão de dominação, definida como não sexual.

Entendo que, para seguirmos o caminho proposto por Freud e ampliarmos nosso conhecimento sobre o funcionamento psíquico e, em consequência, seguirmos expandindo o desenvolvimento da técnica psicanalítica, precisamos compreender, fundamentalmente, as engrenagens do aparelho psíquico. Essa engrenagem, esse funcionamento estarão, de modo permanente, implicados na técnica e na dinâmica transferencial.

Se Freud descreve a pulsão como um conceito limite, que, desde sua criação, lembra a existência de um *trabalho* imposto ao psíquico pela ligação com o corporal², vamos precisar entender que esses elementos do conceito estão sempre presentes na dinâmica da transferência. Junto há a ideia de um *vai-e-vem* entre o corpo e o psíquico e a solicitação sempre maior em relação ao psiquismo que deverá traduzir as exigências corporais em uma linguagem que o psíquico compreenda bem. É preciso admitir, então, que não seria apenas uma questão de linguagem, nem de um código, mas de uma *matéria* conversível que conserve suas ligações com um sistema de forças, de movimentos afetivos em busca do objeto (Green, 2007b). Ou seja, essa dinâmica pulsional é também, como

² Recentemente discuti algumas questões sobre o corporal na relação transferencial em artigo intitulado *Figurabilidade em ato e flash corporal* (Falcão, 2012).



consequência, a dinâmica da transferência e, se Freud buscava a compreensão do que se passava na mente do paciente, hoje sabemos que precisamos compreender essa dinâmica com relação aos dois protagonistas : paciente e analista. Bion (1959a, 1959b), Winnicott (1969, 1971, 1979, 1988), o casal Baranger (Baranger, M.; Baranger, W., 1966) e tantos outros já nos ensinaram sobre isso.

Para entendermos a transferência hoje e mostrar como Freud nos deixou os germes para ampliarmos as suas próprias ideias psicanalíticas, faço questão de reproduzir o conceito de pulsão apresentado por ele em 1933, na XXXIIª das *Novas conferências*:

A pulsão distingue-se de um estímulo pelo fato de surgir de fontes de estimulação situadas dentro do corpo, de atuar como força constante e de a pessoa não poder evitá-lo pela fuga [...] A origem [fonte] é um estado de excitação do corporal; sua finalidade [a meta] é a remoção desta excitação; é no caminho que vai desde sua origem até a finalidade que a pulsão torna-se psicologicamente eficiente. Nós a representamos como uma certa quantidade de energia que faz pressão em determinada direção. É desta pressão que deriva seu nome: *Trieb* [...] A finalidade [meta] pode se realizar no próprio corpo; e como regra geral, inclui-se um *objeto externo interposto*³, sobre o qual a pulsão atinge sua finalidade [meta] externa; sua finalidade interna permanece sendo a modificação corporal (p. 121).

Nota-se que o *objeto*, através da montagem pulsional que espera a realização da satisfação, se revela através da pulsão. Essa modificação realizada pelo próprio Freud precisa ser incluída na nossa compreensão deste conceito, até mesmo para podermos entender a evolução dos conceitos metapsicológicos. A pulsão torna-se, ela própria, psicologicamente eficiente, o que, anteriormente, para Freud, era algo diferente. Antes, o objeto que a pulsão atingia era o elemento *mais variável*. Agora se encontra bem mais incluído na origem do psiquismo, fato este do qual André Green não abrirá mão. Eis uma das diferenças entre a primeira e a segunda tópica. Além disso, penso que, quando Freud inclui o objeto dessa forma, em seu conceito de pulsão, está, sim, nos ensinando que sem o objeto, sem o outro, não há psiquismo. Assim, só é possível entendermos a dinâmica transferencial se o outro estiver nessa relação, ou seja, essa dinâmica será vista sempre como formada pelos psíquicos do paciente e do analista e implicará em analisarmos a pulsionalidade presente, implicando a *transformação em seu contrário*, o

³ Grifo meu.



redirecionamento contra a própria pessoa, o recalque, a sublimação e toda a existência de um trabalho imposto ao psíquico.

1. O conceito de pulsão de morte no edifício metapsicológico freudiano

- Sabina Spielrein: 1911

Apesar da ideia que esse conceito teria tido seu nascimento na psicanálise de 1920, já o encontraremos em 1911 através da psicanalista russa Sabina Spielrein, que apresentou na Sociedade Psicanalítica de Viena o artigo *A destruição como causa de uma época* (Spielrein, [1911] – 1981). A leitura deste texto permite pensar que ali começava a surgir a noção daquilo que viria a ser o conceito de pulsão de morte. Freud, em seu texto *Além do princípio do prazer* (1920), dedica uma nota de rodapé para referir à contribuição de Spielrein. Esta nota⁴ insere-se numa reflexão no texto sobre o sadismo. Mas, mesmo que Freud a tenha referido e com isso reconhecido a existência prévia da ideia, ele não a citará mais e seguirá desenvolvendo suas concepções sobre o conceito. Spielrein dava importância à parte biológica da pulsão de morte. Para ela, a destrutividade estava contida na pulsão sexual – tese que, de uma certa forma, era a de Adler quando esse argumentava que as manifestações agressivas eram relativas a ajustamentos internos da libido sexual – e Freud, naquele momento não utilizava essas referências, mesmo tendo recorrido aos estudos de Weismann sobre as células germinais.

- O estado anterior, a compulsão a repetição: além do princípio do prazer

Sabemos que muitos psicanalistas mantêm a ideia de que a noção da pulsão de morte era para Freud o produto de uma necessidade, de uma exigência especulativa que se originou a partir da clínica e de problemas teóricos que foram surgindo depois de 1910; para ele, havia a necessidade de recentrar todos os movimentos psíquicos e da vida sobre o próprio indivíduo.

Freud constatou o *automatismo da repetição – a compulsão à repetição* – na clínica dos traumas da guerra e nos estados psicóticos mostrando de forma

⁴ *Em um trabalho rico em conteúdo e articulação, mas para mim, infelizmente, não de todo transparente, Sabina Spielrein antecipou uma grande parcela desta especulação. Ela caracteriza os componentes sádicos da pulsão sexual como os 'destrutivos' (1912). De uma maneira ainda diferente, A. Starke (1914) procurou identificar o próprio conceito de libido com o conceito biológico teoricamente suposto de um impulso para a morte. (Cf. também Rank, 1907). Todos esses esforços, como aqueles no texto, são um testemunho da pressão (Drang) para se conseguir uma explicação ainda não alcançada na teoria das pulsões (Freud, 1920, nota de rodapé, p. 196).*



fundamental como isso ocorre *além do princípio do prazer*. Se havia, em sua teoria, a pulsão de vida, uma força que liga – libido – agora precisou compreender o que leva ao desligamento. Passa a perceber que a compulsão à repetição tem um papel destruidor no trabalho analítico, revelando aspectos autodestrutivos do paciente. Autodestruição essa que seria entendida como ação da pulsão de morte. Pacientes sádico-masoquistas, *bordelines*, anoréticos, com tendências suicidas e os portadores de patologias narcísicas graves são exemplos disso. Nas análises, veremos o triunfo da destruição da própria análise e a abertura do caminho para a conhecida *reação terapêutica negativa*.

A questão é que Freud, a partir da compulsão à repetição, passa a pensar na pulsão como restituição de um *estado anterior* e, em última instância, o retorno ao *absoluto repouso do inorgânico*. Mais uma das tantas ideias controversas da psicanálise, por vezes de difícil compreensão. Tanto quanto o que ele nomeou, também em 1920, de *força perturbadora externa*. A que Freud se refere nesse momento? Minha tendência é pensar que ele está propondo a existência de uma força que cria a antítese maior, a que *esquenta* e não destrói, rompe o equilíbrio da matéria inorgânica⁵. Isso se relaciona, creio eu, com a sua afirmação de que o “objetivo de toda a vida é a morte” (Freud, 1920, p. 161) e que “[...] o organismo não queira morrer por outras causas que suas próprias leis internas. Ele quer morrer à sua maneira, e, assim, também essas pulsões que preservam a vida na verdade foram originalmente serviços da morte” (*Ibid.*, p. 162). Baseado nesta concepção, dirá que as pulsões de vida são perturbadoras da tranquilidade e capazes de provocar tensões que serão sentidas como prazeres quando aliviadas. Ao mesmo tempo, mostrou que a pulsão de morte age, quase sempre, silenciosa dentro do corpo, sem poder se manifestar de forma pura, mas associada às forças libidinais.

Cabe ressaltar que, em *O problema econômico do masoquismo* (1924), Freud reafirma suas hipóteses e diz textualmente que os dois tipos de pulsão sempre são, de forma ampla, misturados e amalgamados em variadas proporções:

[...] após a parcela principal do sadismo original ter sido transposta para fora em direção aos objetos, um resíduo interno teria permanecido, e seria este o masoquismo propriamente dito, isto é, o masoquismo erógeno. Este, por um lado, teria se tornado então um componente da libido e, por outro, tomaria como objeto o próprio organismo. Assim, esse masoquismo seria um testemunho e um resquício da antiga fase de formação tão essencial

⁵ Ver Maturana (*Autopoieses and cogitation. The realization of the living*. Boston Studies in the Phil., v. 42, 1981) que desenvolveu suas ideias relativas a isso.



para a vida, em que houve uma amálgama (*Legierung*) entre a pulsão de morte e Eros (p. 110).

Freud insiste em buscar explicações para essa ideia de amálgama, dessa intrincação, desses dois tipos de pulsão próprias dos seres vivos. Trata-se aqui de uma hipótese filosófica sobre o início da vida. Nela, considera que, quando a libido surge, encontra a pulsão de morte e que essa “[...] teria como meta desfazer esses seres e conduzir cada um dos organismos elementares ao estado de estabilidade anorgânica (apesar de esta estabilidade ser apenas relativa)” (*Ibid.*, p. 109). Isso remete a pensarmos nos textos de *Empédocles*, citado por Freud⁶, e mesmo no fenômeno da apoptose (ver adiante).

- Sobre o biologismo de Freud

Provavelmente, foi o biologismo místico de Freud que o levou a pensar na pulsão de morte dizendo que *toda a aspiração da vida é a morte*. Isso provocou uma série de dificuldades para que muitos autores aceitassem esse conceito. No entanto, nosso trabalho clínico e situações sociais nos apontam que a hipótese da pulsão de morte e seus efeitos sobre a organização psíquica/social são incontestáveis.

Entendo que Freud tentou traçar um pressuposto biológico (e filosófico sobre a origem da vida) da psicanálise. Creio que podemos pensar esse pressuposto como a inserção do aspecto filogenético, a função filogenética fazendo parte da evolução da espécie e, conseqüentemente, da formação do aparelho psíquico. Lembramos que, em *Além do princípio de prazer* (1920), para falar desse nível elementar e comparar o organismo a uma vesícula indiferenciada de substância estimulável, Freud toma precauções oratórias, como se a especulação se tornasse metafísica, filosófica.

O antigo questionamento sobre o que é o *biologismo* de Freud mereceria ser retomado de forma mais ampla. Não é o objetivo deste trabalho, mas não poderia deixar de fora algumas idéias apenas. Freud buscava compreender, sobre o termo pulsão de morte, o que há de mais fundamental na noção de pulsão: o retorno a um estado anterior e, em última instância, o retorno ao absoluto repouso do inorgânico.

Precisamos estar atentos a que, certamente, a biologia de hoje não é mais a mesma de Freud e não desmente essas abordagens (como a importância dada à

⁶ Ver em *A questão do masoquismo originário*. Roaldo Machado. In: *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 11, n. 1, 2004.



atividade cerebral, à plasticidade neuronal, à memória), mas isso não o impede de dar à vida psíquica um fundamento biológico e, sobretudo, de considerar a intrincação dos registros, a negociação do vital (ou da autoconservação) e do sexual. Dessa forma, entendo que o importante é podermos trabalhar em todos os níveis e manter as dimensões da continuidade e do conflito.

Green, por exemplo, não concorda com o radicalismo biológico que implicaria a pulsão de morte, mas lhe é impossível, como psicanalista, não reconhecer o papel fundamental da destrutividade. Pode-se sustentar que Freud distingue as pulsões de morte, às quais ele atribui uma orientação interna, autodestrutiva, e as pulsões de destruição, que teriam uma orientação ao exterior. Green (2002a) propõe substituir o termo *pulsão de morte* por *pulsão de destruição* à manifestação de agressão dirigida ao exterior e ao interior. Pensa que o movimento de destruição em direção ao exterior tem um efeito de aliviar as tensões internas, mas, em compensação, gera um sentimento de culpa, frequentemente inconsciente, o que torna o efeito deste alívio ilusório.

René Roussillon (2000, 2008), por sua vez, afirma que o *retorno ao estado anterior* é uma defesa contra o *retorno do estado anterior* (retorno vivenciado passivamente, retorno *automático*), o que o leva a sugerir que algumas hipóteses de Winnicott poderiam ser pensadas como uma clínica da pulsão de morte, uma vez que uma adaptação insuficiente do primeiro ambiente e dos cuidados maternos provocam no bebê estados agonísticos, estados de morte psíquica. Segundo ele, os traços mnésicos dessas *agonias primitivas* são submetidos a uma compulsão de repetição que se exerce de tal forma que não podem ser integradas e simbolizadas. Diante da ameaça pelo retorno *do estado anterior*, o psiquismo reage pelo retorno provocando uma regressão deliberada *ao estado anterior*.

Vale lembrar que, para Freud, na realização alucinatória do desejo, os traços mnésicos da satisfação são reinvestidos pelo movimento pulsional. Roussillon (2000, 2008) destacará que em *Além do princípio do prazer*, Freud dirá que nas experiências traumáticas (neuroses traumáticas), a compulsão à repetição (portanto, reinvestimento dos traços mnésicos) ocorre sobre as experiências nas quais *não há traços de satisfação*. Dito de outra maneira: o sujeito alucina – no sonho ou além do sonho – experiências não satisfatórias nem do ponto de vista do eu, nem do ponto de vista do supereu, o que ultrapassa a abordagem clássica do masoquismo e da coexcitação libidinal, sendo então *também o além do masoquismo* (*Ibid.*). Roussillon propõe reformular a hipótese de Freud que o levou a afirmar a existência da pulsão de morte. Para ele, o que é reinvestido alucinatoriamente são os traços mnésicos da *experiência do encontro com o objeto, tenha este sido satisfatório ou não satisfatório*. Há um efeito de marca primeira, da qual o sujeito não consegue



mais se libertar. Quando a experiência do encontro com o objeto é satisfatória, haverá o reinvestimento dos traços mnésicos que será superposto à realização alucinatória do desejo que ocorrerá sob o princípio do prazer. Mas quando a experiência com o encontro com o objeto não é satisfatória, o reinvestimento alucinatório dos traços mnésicos desta experiência se efetuará fora do princípio do prazer. Roussillon propõe ainda que Freud pode não ter pensado na hipótese de um *encontro não satisfatório* com o objeto em função de que, para ele, a sexualidade é derivada da necessidade, é a teoria do apoio da pulsão sobre a necessidade. Em tal perspectiva, na medida em que a necessidade (corporal) é satisfeita, a experiência de satisfação é adquirida, e, na medida em que o sujeito está sempre vivo, seríamos levados a pensar que as necessidades corporais teriam sido satisfeitas. No entanto, como propõe Roussillon, as *satisfações* não concernem simplesmente às necessidades corporais, mas às *satisfações* de toda uma série de *necessidades psíquicas* ou de *desejos psíquicos*. Se esses não são satisfeitos, a satisfação das necessidades corporais não produzirá os traços mnésicos de satisfação. Com isso, Roussillon dirá que o *apoio* não se efetua sobre a necessidade corporal, mas sobre a *experiência do sujeito* que depende das condições do encontro com o objeto numa época em que este ainda não foi descoberto como objeto exterior. Essas ideias apresentadas por Roussillon precisam ser consideradas sob o ponto de vista de que a representação dos cuidados maternos, ou a mãe para Freud, era aquela que não saberia ser ambivalente na presença do seu filho, ela só seria *destrutiva* em fantasia... Retomando a descrição de Freud, em 1920, da vesícula de substância excitável, lembrará que este fala em excitações exógenas traumáticas, o que reforça que vem de fora, do ambiente primeiro, portanto, que vem de uma ameaça, sendo o objeto uma fonte de excitação traumática, ou seja, um objeto desorganizador. Pergunto, *força perturbadora externa?* Indubitavelmente! Para Roussillon, o estado anterior não seria um estado anterior do biológico e sim um estado precoce de um sujeito que sofrerá de uma pulsão de morte e de uma obrigação a reviver esta agonia primitiva.

- Apoptose

Sugiro aqui a inclusão do estudo de J. C. Aimaisen (1999), chamado *A escultura do vivente: o suicídio celular e a morte criadora*. O autor, um pesquisador em neurobiologia, se dedica a estudar o fenômeno da *apoptose* – autodestruição celular ou morte celular programada. Esse estudo revela uma aproximação possível entre a biologia e o conceito psicanalítico da pulsão de morte. Ali, Aimaisen mostra que todas nossas células têm o poder, a todo momento, de se autodestruírem em poucos horas. As células fabricam continuamente substâncias mortais para



realizar essa tarefa e será a inibição desta reprodução mortífera que garantirá a vida. Vemos, então, que a vida contém um acontecimento autodestrutivo: há a necessidade de que essas células se autodestruam para que o corpo possa se manter vivo através de uma reconstrução. O suicídio celular impede nosso sistema de defesa imunológico de atacar nosso corpo, ou impede a orientação celular em direção a uma formação cancerígena, por exemplo. Aqui, vemos que a morte é útil e os mecanismos de autodestruição são, conforme as circunstâncias, utilizados tanto porque são necessários quanto porque são reprimidos. Há aqui, se quisermos pensar, uma intrincação pulsional das pulsões de vida e de destruição. Vida e morte juntas (Aimaisen, 1999; Green, 2002b). Sugiro, com isto, uma questão: será que poderíamos pensar que este aspecto autodestrutivo contido na vida remontaria a uma memória traumática dos primórdios da vida, na qual *vida* e não-vida deveriam oscilar de uma forma muito mais explícita?

Mas, como vimos, a noção de pulsão de morte aporta ao edifício freudiano uma nova concepção. Expressão privilegiada do princípio mais radical do funcionamento psíquico, ela faz da tendência à destruição um dado quase paradigmático: ele liga indissolavelmente todo desejo, agressivo ou sexual ao desejo de morte. Assim, sob a pluma de Freud, a pulsão de morte irá designar, por vezes, (1) a compulsão à repetição, (2) o princípio de Nirvana e a redução à tendência ao zero e (3) a tendência à destruição e à destrutividade. T. Bokanowsky (1989) propõe pensarmos a pulsão de morte sob cinco vértices:

1) ou os narcisismos (a noção de *agressividade* em Lacan [1948]; de *antinarcisismo* em Pasche [1969]; *narcisismo negativo* em Green [1983]; *trabalho em negativo* de Leclair [1975]; *paleonarcisismo* de Grunberger [1983]);

2) as relações pulsão e objeto, (por exemplo, em Laplanche a pulsão sexual de morte se opõe radicalmente à pulsão de objeto, enquanto, para Green, a pulsão de morte, relacionada com o trabalho de desligamento, está relacionada essencialmente aos investimentos ligados ao objeto, tanto interno quanto externo e mesmo em sua ausência);

3) as problemáticas ligadas à agressividade, à destrutividade e ao domínio;

4) ou os masoquismos (masoquismo primário, erógeno como aliança da pulsão de morte com Eros, masoquismo mortífero, de Benno Rosenberg [1989, 1991, 2004]);

5) os efeitos da pulsão de morte e o tratamento psicanalítico, a contratransferência e a morte⁷.

⁷ Para uma melhor compreensão destes vértices, remeto o leitor ao texto de Thierry Bokanowsky, *Le concept de pulsion de mort*, 1989.



Considero fundamental repensarmos esses pontos sobre a importância do conceito de pulsão de morte no edifício metapsicológico, mesmo reconhecendo as tantas resistências existentes. Freud mesmo, em *O mal-estar na civilização* (1930), reconhece que a noção de pulsão de morte provocou resistências e justifica isso atribuindo ao homem a dificuldade em se ver como possuidor de algo inato que é perigoso, hostil, agressivo, cruel, destrutivo. Diz textualmente:

A hipótese da pulsão de morte ou de destruição encontrou resistência mesmo nos meios psicanalíticos; sei o quanto é comum atribuir tudo o que no amor é visto como perigoso e hostil a uma bipolaridade original de seu próprio ser [...]. Reconheço que sempre vimos no sadismo e no masoquismo as manifestações da pulsão de destruição (orientada ao exterior e ao interior), fortemente aliadas com o erotismo, mas não compreendo que possamos omitir a ubiquidade da agressão e da destruição não erótica e negligenciar de lhe atribuir o lugar que lhe convém na interpretação da vida (Freud, 1930, p. 142).

De meu ponto de vista, nada será compreendido nessa forma de pensar o psíquico (e conseqüentemente a dinâmica da transferência) se não incluirmos a última teoria das pulsões apresentada por Freud, em 1920, ou seja, a noção da pulsão de morte e o seu lugar no pensamento psicanalítico contemporâneo.

2. A função desobjetalizante na dinâmica da transferência

Como mostrei até agora, a ação da pulsão de morte está presente, naturalmente, também na transferência e nos casos de pacientes *borderlines*, narcisistas graves, anorexias, sem falar nos psicóticos, que são os mais evidentes testemunhos.

Penso que André Green, com a sua proposta dos *Estados limites/pacientes fronteirizos* (1990a, 1990b) e do *Trabalho do negativo* (1993), entre tantos outros trabalhos, abriu um campo para uma melhor compreensão do funcionamento destes pacientes. Recentemente, num de seus últimos livros publicados em vida, *Ilusões e desilusões do trabalho psicanalítico*, nos mostra o quanto ele, como analista, falhou com vários de seus pacientes exatamente por não conhecer o que era o *trabalho do negativo*. Sem essa noção, não compreenderemos a forma como a transferência se instala nas análises. Há uma busca constante do desligamento, da desintração, do *não existir*, e, para isso, há uma necessidade de não existir a



análise e, conseqüentemente, a não existência do analista. A sua descrição da síndrome da mãe morta (Green, 1980) é uma evidência.

Para ele, o conceito de *função desobjetalizante* será fundamental para entendermos o significado da ação da pulsão de morte no psiquismo. E sempre precisamos incluir a questão dos *investimentos* para pensarmos as funções das pulsões eróticas e as de morte. Ele define essa última em relação à função desobjetalizante, ou seja, em relação ao desinvestimento de toda estrutura que pode ter valor de objeto. Sua ideia central é que o eu não pode viver fora das trocas com os objetos. Este objeto se encontra em um caminho que não somente transforma os objetos que existem como tais, antes acrescenta o produto de uma evolução criadora de objetos que se juntam aos precedentes. Esta evolução constitui-se no produto desta faculdade interpelante da subjetividade, que se inverte na desobjetalização (Green, 2007b). Ao mesmo tempo, diz que a função desobjetalizante, pelo seu desligamento, permite compreender que não é somente a relação com o objeto que se vê atacada, mas também todas as substituições deste: o eu, por exemplo, e o fato mesmo do investimento que sofreu o processo de objetalização (Green, 1984).

Green (1984) busca uma resposta ao enigma que ele considera ter sido deixado em aberto por Freud:

Qual seria a função que poderia ter o papel correspondente ao de representante da pulsão de morte, se consideramos que, para ele, a autodestruição constitui sua expressão fundamental, enquanto que a heterodestruição não é senão uma tentativa de aliviar a tensão interna [...]? No que me concerne, mantenho plenamente a hipótese de que a função autodestrutiva desempenha para a pulsão de morte um papel que corresponde ao da função sexual para Eros, no entanto, diferentemente de Freud, não acredito que se deva defender a ideia que esta função autodestrutiva se expresse de maneira primitiva, espontânea ou automática (p. 69-70).

É evidente que não temos a mesma possibilidade de atribuir precisão à pulsão de morte como temos para uma função que cumpre a sexualidade para com a pulsão de vida. Sabemos que o mais próximo que percebemos dela é quando se relaciona com o sadomasoquismo. Mas sabemos que também existem modos de expressão da pulsão de morte que talvez não apresentem essa intrincação e podemos pensar nas depressões graves, nas anorexias, nas psicoses com



desintegração do eu, nos suicídios. Green pensa que mesmo as neuroses graves, as estruturas narcísicas, os casos limites apresentam destrutividades não intrincadas e que, em todos esses quadros, o mecanismo dominante está relacionado a lutos insuportáveis. Incluem-se também os quadros que apresentam angústias catastróficas impensáveis, medo do aniquilamento, desvitalização ou de morte psíquica. Ao mesmo tempo, se questiona se todos esses quadros clínicos não seriam referidos, em parte ou na sua totalidade, ao que Freud nominou como masoquismo erógeno primário, cuja localização era, para ele, endopsíquica. De qualquer forma, precisamos concordar com Green que nenhum argumento clínico constitui uma prova a favor da pulsão de morte, porque todo quadro clínico é suscetível de interpretações diversas e o problema, a partir da experiência clínica, continua sendo teórico (Green, 1984).

Para Green (2007b), a *autodestruição freudiana* nasce a partir dos efeitos da recusa ou da impossibilidade de deixar o campo livre à exigência libidinal erótica, em que a pulsão de morte se faz presente através da *consciência de culpa*, do *masoquismo* e da *reação terapêutica negativa* – estados estes que se constituem nos efeitos do impedimento da vida pulsional erótica implicando uma inversão às referências ao prazer em favor de outra função a satisfazer – a da dor. Esses três estados (consciência de culpa, masoquismo e reação terapêutica negativa) são, na sequência, os primeiros sinais da intervenção da pulsão de morte e o prelúdio às maiores devastações, portadoras da obstinação autodestrutiva.

Provavelmente aqui Freud diria: tendência a restabelecer um estado anterior. Entretanto, para o autor citado, aqui é preciso fazer intervir uma diferenciação, não somente em relação ao prazer, mas também em relação à evolução da atividade pulsional que permitirá

[...] a transformação das funções em objeto, sofrendo uma mudança que não liga mais o objeto às suas qualidades primeiras (objeto da pulsão), mas sendo um *destino* da pulsão, no qual as transformações evolutivas terão por meta, não somente transformar o patrimônio pulsional – pelas sublimações, por exemplo –, mas proceder a uma mutação definitiva que esclerosará as diversas possessões do eu, pelo fracasso dos processos que lhe permitirá aceder a um status objetal independente (Green, 2007b, p. 61).

Green (2007b) afirma que desobjetalizar é proceder a uma ação que faz com que a evolução pulsional perca o que nela está apto para tratar das propriedades mais singularizantes dos objetos (*Ibid.*, p. 62). Ele traça um paralelo desta ideia com a hipótese de Freud em *Além do princípio do prazer* (1920), onde ele atribui



à pulsão de morte o papel de ser a primeira pulsão que visa à destruição dos primeiros investimentos do objeto.

Ou seja, para Green, a manifestação básica da pulsão de morte é o desinvestimento. A função desobjetalizante, longe de se confundir com o luto, é o procedimento mais radical para se opor ao trabalho do luto que se encontra no centro dos processos de transformações característicos da função objetalizante. Assim, pode-se explicar a passagem da oposição entre libido objetal e libido narcísica na última teoria das pulsões: Eros e pulsões de destruição. Isso permite sustentar a hipótese de Green de um narcisismo negativo como aspiração ao nível zero, expressão de uma função desobjetalizante que não se contentará com se dirigir aos objetos ou a seus substitutos, mas aos próprios processos objetalizantes. Precisamos entender primeiro esse aspecto que Green sublinha: a função objetalizante faz com que as funções psíquicas sejam vistas como objeto desde que ela seja considerada portadora de um investimento significativo. É, portanto, o investimento, ele próprio que pode ser objetalizado. O ponto de vista objetalizante das pulsões de vida ou de amor tem por consequência realizar, pela mediação da função sexual, a simbolização.

Partimos, então, da ideia de que, na transferência, no processo analítico, essa objetalização se fará presente para que o processo possa se desenvolver e, pela mediação da função sexual, libidinal, de ligação, ocorrerá o vínculo entre analista e paciente. Ao mesmo tempo, pela intrincação pulsional, as forças de desligamento, pela ação da pulsão de morte, também estarão presentes, fazendo com que, no processo transferencial existirá, sempre, a presença do antagonismo pulsional.

Vale lembrar que, em 1914, com *Recordar, repetir e elaborar*, Freud (1914b) ligará a transferência à compulsão à repetição, abrindo caminho para, seis anos mais tarde, apresentar a segunda tópica e a pulsão de morte. Ali, Freud dirá que um acontecimento recalçado não surgirá apenas pela lembrança em sessão, mas pelo surgimento de um ato, que será uma forma de se lembrar ou fazer surgir situações que revelam uma fixação em situações traumáticas. Muitas dessas situações acabam se apresentando como a transferência negativa, na qual nada se apresenta neutro e toda e qualquer intervenção do analista é vivenciada como catastrófica, julgadora, que fere, que rejeita, sádica, sedutora (Denis, 2010), enfim, que pode congelar o processo analítico e, entendendo, como sendo o resultado de uma ação da pulsão de morte, ganhando a batalha pulsional e impedindo a ligação da mente do analista com a do paciente. Esse estado impede o processo de diferenciação eu/não-eu, invade a cena analítica e traz para dentro dela os elementos destrutivos que estão presentes na mente dos dois protagonistas levando a uma



confusão dos seus papéis. Havendo confusão e se perdendo a alteridade, o processo fica ameaçado de morte. Paul Denis (2010) dirá que a transferência negativa tem uma característica *monovalente*, ou seja, se o paciente se apresentar *muito* hostil ou *muito* erótico, estará revelando-se potencialmente negativo e arriscando a involução do processo analítico. O risco é que o analista também se apresente nesse processo de uma forma monovalente. Ou seja, se não houver a intrincação pulsional (amor/ódio, vida/morte), há o risco de apenas um aspecto ser analisado e, conseqüentemente, um processo engessado [...]. Ou um não-processo.

A transferência negativa se apresenta na cena analítica exatamente para que não haja processo, para que a desorganização psíquica predomine e impeça os *barulhos da vida*, ou, como diz Denis: “A transferência negativa aparece seguidamente como a única forma que o paciente tem de garantir o não-transbordamento econômico do seu eu, de manter um compromisso mínimo e precário entre a força e o sentido” (2010, p. 104).

Penso que outra forma de percebermos a ação da pulsão de morte na transferência se faz presente quando nos deparamos com o *nosso desejo* de curar nossos pacientes... e não conseguimos realizá-lo. Há um paciente desejando analisar-se, tratar-se, curar-se, melhorar. E há um analista que também deseja realizar esse processo, que se interessa pelo funcionamento mental, pela sua origem, que permite o interesse, o investimento no outro. É preciso reconhecer que o exercício do nosso funcionamento mental é, para nós, uma fonte de prazer que compensa o dispêndio de energia necessária a esse jogo de paciência e o investimento libidinal que o acompanha, como nos lembrou C. Parat (1976). Além de considerar os aspectos narcísicos (e suas feridas) do próprio analista, acredito que aqui existe um *nó*, provavelmente ligado ao *originário*, ao início, ao irrepresentável, que acaba se fazendo presente na análise. Porque, se desejamos curar nossos pacientes, não o conseguimos? Qual a força impeditiva? Poderíamos atribuí-la a uma presentificação da pulsão de morte a agir, silenciosa, também em nosso psíquico, que conduz nossa cegueira, nossa não-percepção, nosso desligamento? Isso poderia, como sugere J. Guillaumin (1998), ser pensado como um retorno das identificações primárias (feitas essencialmente das incorporações não mentalizadas) em representações trocadas entre dois aparelhos psíquicos suficientemente distintos além da ligação de reciprocidade que eles mantêm? Impossível irmos adiante se não considerarmos os paradoxos, as ambivalências, a dialética permanente da obra freudiana: a presença, ao mesmo tempo, da pulsão de vida e da pulsão de morte. Na transferência surgiria, também, a força de Eros agindo para suplantar a compulsão à repetição, ao mesmo tempo que, também, na transferência, surgiria a força de Thánatos trabalhando para a destrutividade.



Fundamental na sequência dessa busca de compreensão no que diz respeito às ações da pulsão de morte, ou de destruição, são as proposições de Roussillon (2009) a respeito da destrutividade e da sobrevivência do objeto. Partindo de Winnicott, ele mostrará a problemática da questão da sobrevivência do objeto. Entenderemos, então, que certos aspectos da expressão da destrutividade (que caracterizam as problemáticas narcisos-identitárias) poderão ser interpretadas desde que o objeto possa ser descoberto como o *outro-sujeito*, desde que se considere que uma parte do tornar-se processo psíquico depende da interpretação que o outro-sujeito (aquele a quem ele se dirige) aporte ao processo a sua resposta. Roussillon entende que a ideia de Winnicott do *medo do colapso* não se restringe à destrutividade manifesta, mas concerne, de fato, ao conjunto da vida pulsional e seu potencial destruidor. Dirá que, para Winnicott, a diferenciação eu/objeto surgirá da *frustração* da destrutividade: o objeto é destruído, ele deverá *sobreviver* ao ataque destruidor, ele será *descoberto* se ele sobrevive. *Sobreviver* significa, aqui, para Winnicott, não exercer represálias, e Roussillon propõe então que as duas propriedades sublinhadas por Winnicott surgem quando o objeto é *atingido*, mas permanece criativo. O objeto deverá ser atingido e acusar recepção, senão o sujeito tem o sentimento que o ataque dirigido escorrega sobre si e a destrutividade se exacerba: o objeto deve continuar criativo e será assim que ele testemunhará que permanece *vivo*. Assim, o objeto será descoberto como aquele que resiste à destrutividade, ele é descoberto como outro-sujeito, ou seja, sujeito de desejo e de movimentos que lhe são próprios – e é concebido como outro-sujeito. Assim, nas análises, encontraremos esse caminho se desenhando nos encontros – ou nos não-encontros entre analista-paciente. Se há a possibilidade da sobrevivência do objeto e a criação do outro-sujeito, há a vitória do pulsional libidinal que permitirá a sobrevivência a partir do sujeito e do objeto. Senão, ocorrerá o desligamento, o não encontro, a não-sobrevivência, o que implicará nossa *morte* como analistas criativos.

Hoje, não podemos mais negar que o analista é um interlocutor desse processo, que se expõe e, quer queira ou não, ele será investido como um ser, como uma pessoa, quer ele carregue as fantasias do paciente, quer contenha as suas próprias. Quer ele se mantenha *neutro* (Falcão, 2007), quer ele mantenha o *setting*, quer ele se faça presente, estará, indiscutivelmente, servindo aos investimentos e/ou desinvestimentos do paciente. Será preciso considerar, ainda, que o *setting* analítico é organizado para que o paciente se depare com o analista, que será, ao mesmo tempo, o objeto e o antiobjeto (Denis, 2010) e que a análise é o meio pela qual essa bipolaridade se fará presente simultaneamente.



- Duplo exame da pulsão de morte: diacrônico e sincrônico

Green (2007a) propôs um modo de examinar a pulsão de morte: diacrônico, que estaria de acordo com as ideias freudianas, e sincrônico.

a) Diacrônico: uma matéria original (orgânica) não dotada de vida recebe uma força que age ainda totalmente irrepresentável, ou seja, pronta para portar a denominação de pulsão de vida, animando vitalmente esta matéria, sem nenhuma precisão. O que importa é a sequência dada a esse acontecimento: a tensão que surge na substância em via de *vitalização* é ameaçada por um retorno visando a anular esta tensão, a neutralizar, para *restaurar o estado anterior de não-vida*, ou seja, de não-tensão. Assim nasce, para Freud, a primeira pulsão, a pulsão *originária*, a que faz retornar ao sem-vida: a pulsão de morte – que deseja anular a tensão nascida da introdução da vida na matéria primeira. Esta visão se baseia na hipótese filogenética; a necessidade de ligação precede a busca do prazer (p. 30; 44).

b) Sincrônico: outra hipótese de base, não cronológica, propõe uma visão de simultaneidade: pulsões de morte e pulsões de vida coexistem desde o início no indivíduo.

A primeira hipótese (a), para Green, é especulativa, pré-histórica e a segunda é conceitual, baseada no equilíbrio da teoria na ontogênese, deixando a pré-história às suas especulações, atribuindo todo o peso à interpretação da clínica (p. 30).

Ao mesmo tempo, lembra que a perspectiva sincrônica não perde seus direitos e são testemunhos disto as denominações que Freud propõe como corolários de sua invenção: pulsão de *vida*-pulsão de *morte*, pulsão de *amor*-pulsão *destrutiva* (ou de *agressão*), e todas podem estar por trás de uma dupla teórico-clínica mais especulativa: ligação-desligamento. Então, Freud estaria formulando uma nova dialética de relação entre a morte (destruição, sadismo) e a libido (primeiramente narcísica e depois objetal). Avança em 1920, ao revelar um componente sádico na pulsão sexual. Aceita que possa haver desligamento, mas sua hipótese é de que há uma repulsa do sadismo sob a influência da pulsão narcísica:

Desde o início identificamos um componente sádico na pulsão sexual. Como sabemos, ele pode tornar-se independente e sob a forma de perversão, dominar toda a atividade sexual [...] Mas como pode uma pulsão sádica, cujo intuito é prejudicar o objeto, derivar de Eros, o conservador da vida? Não teria lugar aqui se fazer uma hipótese que este sadismo é uma pulsão de morte, propriamente falando, que foi repelida do eu pela influência da libido narcísica, de forma que ela só apareça em nível do objeto? (Freud, 1920, p. 74).



E Green (2007a) aperfeiçoa o conceito argumentando:

É neste tempo posterior que se descobre a visão destrutiva do sadismo que aspira ao aniquilamento do eu. Mais tarde o sadismo se manifestará no controle amoroso pela dominação do objeto (p. 26).

Freud faz nascer a hipótese da aproximação do sadismo com a pulsão de morte apoiando-se nas intrincações e desintrincações da pulsão sexual, destino do componente sádico da libido em sua forma perversa e sua nova meta – a destruição – nesta nova ótica. O problema de seguir os desenvolvimentos da libido sádica não destrutiva evidencia os primeiros efeitos da pulsão dita de vida que se coloca em defesa do eu. Compreendemos aqui a teoria de A. Green sobre os dois narcisismos: *o de vida e o de morte*.

Este último tende a buscar o grau zero de excitação através de uma função desobjetalizante, atividade esta que se mantém dominada pela pulsão de morte. A ação das pulsões de destruição se manifestará sob o efeito de uma função desobjetalizante; isto quer dizer que a pulsão de morte está em ação cada vez que os objetos do psíquico se encontram desqualificados, perdem sua originalidade ou sua singularidade ou deixam de ser valorizados. Isto os torna únicos para serem progressivamente reduzidos a um status anônimo, no limite do humano (Green, 1983, 1988, 1993, 1995, 2007a). Para Green (2007a), as ideias de Freud, de 1925, estariam aqui antecipadas:

O narcisismo é então o primeiro vencedor do conflito da gigante máquina pulsão de vida-pulsão de morte em *favor das pulsões de vida*. [...] Passamos historicamente de um narcisismo inicialmente concebido sob o modo mortífero (as psicoses) a um narcisismo integrador da vida [...] (p. 28).

Essa visão permite vermos o narcisismo como o núcleo mais central das pulsões de vida, como vértice protetor de todo o edifício futuro do eu, o único na época a poder exercer uma resistência organizada em direção às pulsões de morte e, portanto, é preciso afirmar que esse núcleo central é também vulnerável. Para Freud, o narcisismo também é pedra fundamental na construção da pulsão de morte. Green pensa que Freud não detalhou esse percurso e se deteve em considerar o narcisismo como primeira ligação entre pulsão de vida e de morte. Irá desenhar, então, esse percurso:



[...] primeiramente algo que não pode ser distinguido (caos?). Depois, surgem os primeiros investimentos identificáveis (libido ligada ao corpo do sujeito, erotismo corporal – tempo *auto* – pela unificação primeira, etc.). Depois, constituição da etapa da unificação primeira: narcisismo propriamente dito, autoerotismo que se opõe ao desaparecimento da aquisição, mas que não pode resistir ao tempo como tal (2007a, p. 31).

Green dirá que, a partir daí, haverá uma intervenção, um investimento que é *anterior à constituição do objeto*. Este investimento é que fará intervir não somente o objeto, mas obrigará a estrutura psíquica a se desenvolver.

Incluo aqui H. Rosenfeld (1987) quando descreve um *narcisismo destrutivo* como sendo uma expressão da pulsão de morte. Ele acredita que há uma força mortífera dentro do paciente, semelhante à pulsão de morte freudiana e que, em alguns pacientes, essa se manifesta como uma resistência paralisadora. Poderíamos identificá-la através de sonhos e fantasias destrutivas. No *narcisismo destrutivo* os aspectos destrutivos do *self* são idealizados, havendo uma submissão a eles; eles capturam em armadilhas os aspectos dependentes e positivos do *self* e opõem-se a qualquer relação libidinal entre paciente e analista. Para Rosenfeld, o contato com a ajuda é vivenciado como um enfraquecimento da superioridade onipotente e narcisista do paciente e uma exposição de seus sentimentos conscientes de uma inveja esmagadora. Diz haver

[...] a necessidade de reconhecer claramente e distinguir entre a operação de uma organização defensiva narcisista, que é ativa, crônica e bastante organizada, e uma força mortífera mais sub-reptícia e oculta, que pode ser uma resistência paralisadora crônica, impedindo a análise de avançar por muitos anos. Essa última, que age de um modo muito semelhante ao modo como Freud descreveu o funcionamento da pulsão de morte – como uma força oculta e não-manifesta que se opõe a todo progresso – e que (como a pulsão de morte) envolve uma profunda preocupação com a morte e a destrutividade, muitas vezes está por trás de uma organização narcisista e a sustenta [...] O paciente sente que ele ou o analista está morto [...] (1987, p. 144-145).

Eis aqui mais uma descrição da ação da pulsão de morte na dinâmica transferencial.

Ora, se a ação das pulsões se faz sobre a organização narcísica do eu, um o compoendo em maiores unidades representacionais (objetos) e outro decompondo



tais complexidades (função desobjetalizante), só poderíamos ter uma *noção* do fenômeno em conjunto. A presença da pulsão em si é apenas hipotética (Kant).

Benno Rosenberg (1989, 1991, 2004) também permite entender um ponto fundamental para a compreensão da intrincação pulsional, ou seja, cada vez que falarmos de mistura pulsional ou de fusão pulsional, ou de união, ou intrincação, estamos falando que as pulsões permanecem heterogêneas e são seus efeitos antagonistas sobre o objeto que se combinam para dar um resultado comum (relativo aos fenômenos vitais). Então, a conflitualidade psíquica – fundamental na clínica – tem sua fonte no antagonismo das pulsões. Esse antagonismo e a conflitualidade que constatamos não são identificáveis, uma vez que o antagonismo das pulsões apenas se torna conflito através do objeto, ou seja, na relação do eu com o objeto e do investimento bipulsional deste, nunca esquecendo que o objeto só tem sentido para o psíquico se representado no mesmo. A ambivalência, a relação de raiva-amor é o melhor exemplo desta dupla relação pulsional com o objeto: Freud via, na desintrincação relativa (assim como na intrincação relativa) das duas pulsões, o motor da ambivalência.

Será através das desintrincações pulsionais que a pulsão de morte vai se exprimir, e Rosenberg se dedicou a pensar em quais seriam os efeitos da pulsão de morte sobre a constituição do aparelho psíquico. Retoma a ideia de Freud de *A negativa* (1925): “A confirmação [*Bejahung*], seria um substituto da unificação e pertenceria a Eros; a negativa [*Verneinung*] seria, então, a sucessora da expulsão, pertencendo à pulsão de destruição” (p. 150) e entende que Freud sabia também que este aspecto da negativa não queria dizer que a negativa representasse a pulsão de morte *pura*, mas sim que ela estaria intrincada com Eros.

Não podemos esquecer que, segundo Freud, no que o eu vivencia, tanto em caso de dor que não cessa, quanto quando há uma estase de necessidade que não pode encontrar uma satisfação, a situação econômica é a mesma: o desamparo motor encontra sua expressão no desamparo psíquico. Assim, uma libido desintrincada, que não liga, mas que espera incessantemente a *ligação* sem consegui-la, esvazia o eu de libido narcísica como uma hemorragia, colocando-o à *mercê* da pulsão de morte. Portanto, a libido desintrincada seria um anúncio da morte que se avizinha.

- Sujeito e objeto

Para se pensar a questão da desobjetalização na relação transferencial será preciso considerar, como A. Green, que, quando a separação sujeito/objeto não ocorreu de forma adequada no período em que deveria ter ocorrido, podem ocorrer vivências de destrutividade imensuráveis e, então, esta experiência agressiva é



vivenciada em direção ao interior e ao exterior. É a “vetorização bidirecional da energia destrutiva resultante da indistinção entre sujeito e objeto” (Green, 2002a, p. 314). Ou seja, essas vivências de destrutividades serão trazidas e vivenciadas na análise fazendo com que o paciente vivencie a indiferenciação sujeito/objeto. Esta concepção teórica tem por base a ideia de que não há distinção sujeito/objeto desde o início – com o que estou plenamente de acordo. Penso que há, sim, provavelmente, oscilações entre momentos de fusão-indistinção e momentos de separação-distinção. Isso pode levar à compreensão de que muitas das desintrações estejam ligadas às consequências das respostas do objeto. Podemos lembrar Winnicott: o analista é a mãe destrutiva. Aliás, devemos também a Winnicott a possibilidade de se pensar sobre a raiva vivenciada pelo analista na sessão. Seu clássico artigo *A raiva na contratransferência*, publicado em 1947 (Winnicott), nos ensinou o quanto somos mobilizados pelos afetos regressivos de pacientes graves e o quanto suscitam em nós nossos próprios aspectos regressivos, nossas marcas infantis não analisáveis. De qualquer forma, a essência desse artigo, para mim, é a revelação de que não podemos negar que podemos sentir raiva dos pacientes, por mais que existam também os aspectos amorosos. E que, sim, a mãe tem sentimentos hostis pelo seu bebê, sentimentos esses que ajudarão a fazer com que seu bebê passe a existir. Ou seja, constantemente a intrincação de Eros e Thánatos. E a necessidade *vital* de não se negar a raiva.

Essas oscilações que aqui refiro são componentes intensos nas transferências e nos permitem vivenciar os paradoxos do processo. O paciente vem com suas vivências traumáticas buscando um remanejo de suas angústias e, paradoxalmente, vivenciará de uma forma intensa, excitatória, diante do outro/analista, essas angústias. Esse entrelaçamento é a transferência que, ao mesmo tempo que tenta controlar essa excitação, cria um espaço potencial para que ela seja vivenciada com o outro, com a grande diferença que esse outro, por mais que receba essa carga primitiva de angústias, é um outro diferente do objeto primário, o que permite que essa vivência seja um conjunto de fenômenos e não apenas uma repetição. A oscilação aparece entre a tentativa de organizar e desorganizar esse mundo infantil, entre a tentativa de controlar e descontrolar as pulsões, entre investir e desinvestir, entre pulsão que liga e pulsão que desliga.

Porém Freud precisou pensar no papel silencioso e perigoso das pulsões de morte, que raramente são constatadas em seu estado puro. A relação fundamental das duas pulsões – de vida e de morte – é sua presença no estado intrincado ou como resultado da desintração. Então, os três aspectos evidenciados por Freud poderão ser constatados: *a consciência de culpa, o masoquismo e a reação terapêutica negativa* (Green, 1983, 1995, 2007a).



Pulsão de vida, de Eros e pulsão de destruição coexistem, se amalgamam, se fusionam, se misturam. Quando a morte não consegue evacuar as tensões reivindicadas por Eros, ela entra com ele em relações de intrincação. Então, aparecem sucessivamente: masoquismo primordial, sadismo originário, masoquismo secundário, por um jogo de interiorização, de exteriorização e de reinteriorização. A esta intrincação primária podem corresponder desintrincações, nas quais aquilo que estava fusionado, amalgamado, pode se desfazer novamente (Green, 2006, p. 44).

Toda a diversidade da vida estaria ligada à diversidade dos objetivos sexuais de Eros, uma vez que Eros tem um poder interno de transformação. Green resume assim esse processo:

No início, a autoconservação para salvaguardar a vida, depois o narcisismo que unifica o que a vida conseguiu conservar impedindo a destruição do vivente. Ao lado do narcisismo, as pulsões objetais (dirigidas ao objeto), umas diretas, variadas conforme as metas sexuais diversas, outras ditas de metas inibidas, que não vão até a descarga e podem conservar um objeto que elas não consomem, mas que produzem ternura ou amizade. Com a evolução da libido aparecem as identificações, as sublimações, todas formas que implicam dessexualização e que, deste fato, minimizam o poder de ligação de Eros. A força da vida – a libido – vem de seu poder conservador que liga, mantendo em ‘vida’ o que foi ganho sobre a morte. As forças de destruição visam desligar, desfazer, destruir as relações, dessexualizar. Todo o mistério da vida possui relações agonistas e antagonistas (*Ibid.*, p. 44).

Green concorda com Freud em relação às pulsões de morte quando reconhece a validade do antagonismo das pulsões, quando admite as noções de intrincação e desintrincação, quando considera válidas as referências ao masoquismo, ao sentimento de culpa e a RTN e da predominância da pulsão de destruição independente do princípio do prazer. Ao mesmo tempo, revela suas incertezas e desacordos com Freud: além da nomenclatura, não admite a ideia da pulsão de morte como tendência à redução completa das tensões que levam a um retorno ao estado inorgânico; também duvida que ela tenha uma origem de orientação interna, podendo, do seu ponto de vista, esse movimento interno ser resultante de um movimento em direção ao exterior que não se realizou e retorna sobre si mesmo. E questiona o caráter regressivo (espontâneo) da pulsão de morte nos campos independentes do princípio do prazer.





Penso que esses pontos são reflexões sobre o que determina o fenômeno vital. Podem estar ou não corretas. De qualquer forma, são ideias que corroborariam o caminho de se pensar, sempre, a existência do par pulsão-objeto, um não se concebendo sem o outro. E, como Green sempre lembra: “[...] o objeto é o revelador da pulsão, ou quando manifesta sua existência por ocasião da sua falta, ou porque ele é o meio pelo qual a meta da pulsão pode ser atingida: a satisfação” (Green, 2002a, p. 328)⁸.

3. A necessidade da *ligação* para existir

Ou... a não-existência: tanto para o sujeito como ser psíquico quanto para a relação analítica como trabalho psíquico.

Freud diz: “Por fonte da pulsão entendemos o processo somático que ocorre em um órgão ou em uma parte do corpo e do qual se origina um estímulo representado na vida psíquica da pulsão” (1915, p. 149). Poderíamos dizer, então, que o corpo passa a existir a partir do psíquico e incluir aqui a noção do *après-coup* (Chervet, 2009; Falcão, 2009)? Poderíamos pensar no primeiro momento do *après-coup* – a psiquização – como o movimento que torna possível esse corpo (ou o soma, se preferirmos – como segundo tempo do *après-coup*) existir psiquicamente, como resultado também dos investimentos via zonas erógenas? Se sim, estaríamos falando, então, da necessidade de dois corpos, de um duplo movimento: o corpo permanece como parte do soma que será o próprio reservatório de significações. Isso nos remete ao que Freud propõe no *Problema econômico do masoquismo* (Freud, 1924) quando diz que o precipitado de estímulos externos no curso da filogênese modificaria a substância viva, um encontro pré-significado.

Muitos são os exemplos clínicos que corroboram essa ideia teórica. Uma vinheta clínica:

Paulo, 39 anos, vem para sua primeira consulta. Um colega o encaminha para se analisar comigo. Chega pontualmente, senta-se e logo passa a falar que quer se analisar, que fizera uma psicoterapia que o ajudou a ver questões muito pontuais e importantes na sua forma de viver, entre elas sua impossibilidade de estabelecer uma relação afetiva duradoura. Ele observa atentamente meu

⁸ André Green, em 1995, afirma: *Eu sustentei a ideia que era errado opor as pulsões ao objeto, e é nas alternativas da presença e ausência do objeto que a pulsão é chamada a se manifestar. O objeto é o revelador da pulsão* (1995, p. 48).



consultório, meus livros, algumas esculturas. Conforme vai falando, sua angústia começa a aumentar, a respiração se altera. Permaneço silenciosa, tentando entender o que está se passando, tentando compreender suas associações e suas alterações corporais na sessão. Quando chegamos ao final do horário, ele está bastante perturbado, e digo que seria importante nos vermos mais algumas vezes. Ele concorda e sai sem me olhar. Não retorna na sessão seguinte, deixando um recado na secretária eletrônica, no qual diz que não poderia seguir vindo me ver. Um ano depois Paulo retorna me pedindo um horário. Diz que foi procurar um outro analista, pois não suportou o meu jeito e as esculturas: “Tu eras exatamente igual a minha mãe, até o cheiro do teu consultório era igual ao cheiro dela, até aquela escultura ali (se referindo a uma que representa dois corpos)... Eu achei que isso seria muito real, muito verdadeiro e insuportável para mim. Tu tens coisas aqui que são as coisas dela” (sic). Paulo iniciou sua análise e, desde o início, entendemos que ocorreu uma vivência naquela sessão, que, après-coup, pode-se compreender. Ali, naquele momento, ocorreu o golpe, as vivências infantis traumáticas, impensáveis, vivenciadas corporalmente na sessão, mas impossíveis de serem toleradas e pensadas.

Voltando ao conceito freudiano de pulsão, vamos perceber sua descrição da célebre questão sobre a *exigência de representação* (1915). Penso que há, continuamente no conceito de pulsão, a ideia essencial de movimento e de trabalho. Exigência de representação implica, obrigatoriamente, nessas duas noções. O processo psíquico se manifesta em uma sequência de movimentos que se inicia com algo que eu chamaria de *largada* pulsional. *Largada* no sentido figurativo, comparável a uma *largada* numa corrida, ou, no início de um jogo, *foi dada a largada!* Neste movimento há um corpo – também o *Instinkt* da espécie (precipitados). Há um corpo com suas tensões que, conforme Freud, se originam do desequilíbrio homeostático. A conjunção entre o corpo e o sensorio poderia ser pensada como a *largada*, sendo que o sensorio inclui dois registros, o das emoções (prazer-desprazer) e o objeto na qualidade de temporalidade. Nesse processo há uma forma de funcionamento, de oscilação, moções que ligam e moções que desligam. O próprio corpo exige um trabalho de representação e, essencialmente, há a necessidade do objeto. O caminho, iniciado nesta *largada*, seria:



CORPO → ← SENSÓRIO → EMOÇÃO + OBJETO → REPRESENTAÇÃO

A partir dos afetos que se apresentam na cena – nas análises, por exemplo – é que ocorrerá a transmissão e a ligação à representação.

Precisamos incluir ainda outro elemento nesta *exigência de representação*: o real, ou seja, a necessidade que o objeto provoque satisfação real, a satisfação do desejo que chama o outro – desejo que, para Freud (1900, cap. VII), implica já na presença da representação. A *satisfação real* deve ser pensada como a conjunção que Freud propõe no Projeto (1895) entre a *ação específica + vivência* (de satisfação ou dor). O real ancora-se na ação específica que é a marca objetiva da presença do objeto tal como Freud propôs em 1915: “Assim, desse eu-real inicial, que pôde diferenciar o interno do externo a partir de *marcas distintivas*⁹ objetivas, deriva-se agora um eu-prazer purificado, que coloca a característica de prazer acima de qualquer outra” (p. 159). Essas marcas são possíveis somente graças à *ação específica*.

Neste caminho há a necessidade da presença de Eros e a necessidade de transformação para ser um *ser psíquico fundamental*. Entretanto também ocorrem momentos comparáveis a uma explosão no corpo, sem nenhum significado psíquico – eu compararia isso com o *non-sens* de que fala Green. Os ingredientes desta explosão podem se tornar psíquicos ou não. Podem permanecer sem significação, nem representação, nem o simbólico. Havendo uma psiquização, haverá uma elaboração que poderá tornar-se mais forte e mais viva e que permitirá uma regressão e uma excitação.

4. Um olhar final sobre a dinâmica transferencial e a pulsão de morte

Essa é a matéria com que trabalhamos nos nossos consultórios. Como vimos, para entendermos a *dinâmica da transferência*, incluo a noção de dois corpos, do movimento em duplo: essa mistura de regressão e excitação, que ocorre também na sessão analítica, é capaz de criar algo através do outro, no caso, do analista. O corpo do analista também é solicitado nesse processo, também precisará colocar em palavras o que até então poderia estar silencioso. Muitas vezes, o analista precisará dar a *largada*, inaugurar, inventar uma linguagem quando o paciente não a possui. Na constituição deste trabalho também haverá a necessidade de um

⁹ *Grifo da autora.*



jogo – no sentido winnicottiano – de representações, ou seja, a necessidade de que essas representações *joguem* entre si e que possam ter um valor funcional (Falcão, 2008). Há a necessidade da ligação, daquilo que é possível e permitido trocar e isso tem a ver com o mundo pulsional do analista e do paciente. Há algo ali que nos permite acessar e *jogar*, e penso que esse movimento também passa pelo corpo do analista, além da qualidade da presença do objeto. Para que ocorra esse *jogo*, precisamos ter claro que ali ocorrerá a regressão, dentro de uma continuidade que pode atingir os dois jogadores, os dois protagonistas desse processo, o analista e o paciente. A transformação é, portanto, muito mais complexa do que podemos pensar e faz parte do que entendo como a dinâmica da transferência.

Se ocorre a transformação, estamos falando em pulsão de vida, em *ligadura*, em investimento, em função objetualizante e na tessitura da unidade do eu. Se esse movimento não ocorre, se vemos Eros sucumbindo, há ação da pulsão de morte como vencedora no *setting*, há o desligamento, o desinvestimento, a função desobjetualizante e a tensão zero, levando ao não-existir psíquico e a uma não-relação, ou seja, ao fracasso da relação transferencial. Como vimos no decorrer deste artigo, a desinvestidura afeta o próprio processo de ligadura, seu movimento e seus componentes (representações, objetos, tramas).

Podemos afirmar que, na construção do psiquismo e da relação transferencial, estarão presentes as duas pulsões, tanto a de vida como a de morte. Essa última, também a favor da vida quando age no desligamento para criar o espaço necessário da ausência e, no seu lugar, a realização alucinatória do desejo. Nada ocorrerá se não houver o par pulsão/objeto: papel fundamental da resposta do objeto/analista à demanda pulsional, sua e do paciente.

Nesse *olhar*, encontro *Cloaticlue*, Deusa da Terra, Deusa Mãe, elemento às vezes fecundante, às vezes destruidor, simbolizando a dualidade vida/morte. Esse enorme monolito, expressão artística do povo asteca, do pós-clássico tardio revela que o homem já conhecia a pulsão de vida e de morte e tinha a capacidade de representá-la:





COATLICUE

- DEUSA DA TERRA
- DEUSA MÃE
- ELEMENTO AS VEZES
FECUNDANTE E DESTRUIDOR
- SIMBOLIZANDO A MESMA
DUALIDADE DA VIDA E DA MORTE

CULTURA AZTECA
POSTCLASSICO TARDIO



Abstract

Death drive in the dynamics of transference

The author proposes some reflections on the role of the death drive in transference. She demonstrates that this drive acts on the analysis establishing a parallel between the creation of the psychic apparatus and the analytical work. It is shown how this work is permanently interwoven with the issue of the pulsional duality. The author approaches theoretical questions based in thoughts of the current French psychoanalytic school. Revisits the concept of death drive and its importance in the Freudian metapsychological construction. Discusses the issue concerning the meaning of the *previous state* and Freud's biologism. Such reflections make us think about the deobjectalization function in the dynamics of transference and the pair subject-object, considering that, to think the issue of deobjectalization in the transference relationship, it will be necessary to consider the way by which the separation subject/object occurred. The author finalizes showing the need of *bonding* for the psychic being to exist.

Keywords: Death drive. Transference. Countertransference. Analytical work. Deobjectalizing function. Biologism in Freud. Pair subject/object. Bonds.



Resumen

La pulsión de muerte en la dinámica transferencial

El autor propone reflexiones acerca del papel de muerte en la transferencia. Demuestra como esa pulsión actúa en el análisis construyendo un paralelo entre la formación del aparato psíquico y el trabajo analítico. Describe como este trabajo está permanentemente intrincado con el tema de la dualidad pulsional. Articula aspectos teóricos basados en pensamientos del psicoanálisis francés contemporáneo. Retoma el concepto de pulsión de muerte y su importancia en el edificio metapsicológico freudiano. Discute el tema referente a lo que significa el *estado anterior* y el biologismo de Freud. Esas reflexiones llevan a reflexionar también sobre la función desobjetalizante en la dinámica de la transferencia y el par sujeto y objeto, considerando que, para pensar el tema de la desobjetalización en la relación transferencial, será necesario considerar la manera como ocurrió la separación sujeto/objeto. Finaliza señalando la necesidad de la *ligación* para que exista el ser psíquico.

Palabras llave: Pulsión de muerte. Transferencia. Contratransferencia. Trabajo analítico. Función desobjetalizante. Biologismo en Freud. Par sujeto/objeto. Ligación.

Referências

- AIMAISEN, J. C. (1999). *La sculpture du vivant. Le suicide cellulaire et la mort créatrice*. Paris: Le Seuil.
- BARANGER, M.; BARANGER, W. (1966). *La cure psychanalytique. Sur le divan*. Paris: Tchou, 1980.
- BION, W. R. (1959a). Necessidade de verdade e necessidade de reajustar constantemente os desajustes. In: *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- _____. (1959b). Ataques à ligação. In: *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 87-100.
- BOKANOWSKY, T. (1989). Le concept de pulsion de mort. *Revue Française de Psychanalyse*, t. 53, Paris: PUF, mars-avril, p. 509-533.
- CHERVET, B. (2009). *O après-coup*. O traço perdido e suas *mises en abyme*. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 16, n.1, 2009, p. 31-125.
- DENIS, P. (1997). *Emprise et satisfaction: les deux formats de la pulsion*. Paris: PUF.
- _____. (2007). O poder da pulsão. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 14, n. 2, 2007, p. 217-229.
- _____. (2010). *Rives et dérives du contre-transfer*. Paris: PUF.
- FALCÃO, L. (2007). Neutralidade e abstinência ontem e hoje. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 14, n. 2, 2007, p. 289-303.



- _____. (2008). Construções em análise hoje: a concepção freudiana ainda é válida? *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 42, n. 3, 2008, p. 69-81.
- _____. (2009). O par regressividade extintiva/imperativo processual: as bases do processo do *après-coup* conforme Bernard Chervet. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 16, n.1, 2009, p. 127-141.
- _____. (2011a). *Pulsão de morte: um ensaio reflexivo*. Porto Alegre: Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Monografia.
- _____. (2011b). O pulsional, a destrutividade e a cultura. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 18, n. 3, p. 623-645.
- _____. (2012). Figurabilité en acte et flash corporal. *Revue Française de Psychanalyse*, v. 74, n. 5, 2011. Publicação em português: FALCÃO, L. (2012). Figurabilidade em ato e flash corporal. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 45, n. 4, p. 91-96.
- FREUD, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 395-517.
- _____. (1900). A interpretação dos sonhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 4 e 5. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 1-725.
- _____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 123-252.
- _____. (1911). O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 121-127.
- _____. (1912a). A dinâmica da transferência. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 133-143.
- _____. (1912b). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 149-159.
- _____. (1913). Sobre o início do tratamento. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 164-187.
- _____. (1915[1914]). Observações sobre o amor transferencial. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 208-223.
- _____. (1914a). À guisa de introdução ao narcisismo. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 95-132.
- _____. (1914b). Recordar, repetir, elaborar. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 163-171.
- _____. (1915). Pulsão e destino das pulsões. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 133-174. Tradução de L. A. Hans.
- _____. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Escritos sobre a Psicologia Inconsciente*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 123-198.
- _____. (1924). O problema econômico do masoquismo. In: *Escritos sobre a Psicologia Inconsciente*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007, p. 103-124.
- _____. (1925). A negativa. In: *Escritos sobre a Psicologia Inconsciente*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007, p. 261-269.
- _____. (1930). O mal-estar na civilização. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 81-171.
- _____. (1933). Angústia e vida pulsional. XXXIIª das Novas conferências. In: *Edição standard*



Luciane Falcão

- brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 103-138.
- GREEN, A. (1980). La mère mort. In: *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris: Ed. de Minuit. 1983.
- _____. (1983). *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris: Ed. de Minuit.
- _____. (1984). Pulsión de muerte, narcisismo negativo, función desobjetalizante. In: *La pulsión de muerte*. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.
- _____. (1988). Pulsion, psyché, langage, pensée. In : *Propédeutique. La métapsychologie revisitée*. Seysssel: Champ Vallon, 1995, p. 71.
- _____. (1990a). *La folie privée*. Paris: Gallimard.
- _____. (1990b). *Conferências brasileiras de André Green*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1993). *Le travail du négatif*. Paris: Minuit.
- _____. (1995). *La causalité psychique: entre nature et culture*. Paris: Odile Jacob.
- _____. (2002a). La mort dans la vie. In: *La pensée clinique*. Paris: Odile Jacob.
- _____. (2002b). *Idées directrices: pour une psychanalyse contemporaine*. Paris: PUF.
- _____. (2006). *Les voies nouvelles de la thérapie psychanalytique: le dedans et le dehors*. Paris: PUF.
- _____. (2007a). *Porquoi les pulsions de destruction ou de mort?* Paris: Éditions du Panamá.
- _____. (2007b). Pulsions de destruction et maladies somatiques. In: *Revue Française de Psychosomatique*, n. 32, 2007, p. 45-70.
- GRUNBERGER, B. (1983). Narcissisme et Anubis ou la double image primitive. *Revue Française de Psychanalyse*, 1983, v. 47, n. 4, p. 921-938.
- GUILLAUMIN, J. (1998). *Transfert/contre-transfert*. Bordeaux-Le-Bouscat: L'Esprit du Temps.
- LACAN, J. (1948). L'agressivité en psychanalyse. In: *Jaques Lacan, Ecrits*. Paris: Seuil, 1966.
- LECLAIRE, S. (1975). *On tue un enfant. Un essai sur le narcissisme primaire et la pulsion de mort*. Paris : Seuil.
- MACHADO, R. (2004). A questão do masoquismo originário. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 11, n. 1, p. 51-66.
- PASCHE, F. (1969). L'antinarcissime. In: *A partir de Freud*. Paris: Payot.
- PARAT, C. (1976). A propôs du contre-transfert. *Revue Française de Psychanalyse*. v. 40, n. 3, p. 76.
- ROSEMBERG, B. (1989). Pulsion de mort et intrication pulsionnelle ou la pulsion de mort dans la construction de l'objet et l'appareil psychique ou la pulsion de mort et la dimension masochique de l'existence. *Revue Française de Psychanalyse*, t. 53, p. 558-576.
- _____. (1991). Masochisme mortifère, masochisme gardien de la vie. In: *Monographie de la Revue Française de Psychanalyse*. Paris: PUF.
- _____. (2004). Masoquismo e doença. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 11, n. 2, p. 291-307.
- ROSENFELD, H. (1987). *Impasse e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- ROUSSILLON, R. (2000). Paradoxes et pluralité de la pulsion de mort. In: *L'invention de la pulsion de mort*. Paris: Dunod.
- _____. (2008). *La réflexivité, le transitionnel et le sexuel*. Paris: Dunod, 257 p.
- _____. (2009). La destructivité et les formes complexes de la « survivance » de l'objet. *Revue Française de Psychanalys*, n. 4, 2009, p. 1005-1022.
- SPIELREIN, S. ([1911] 1981). La destruction comme forme du devir. In: *Entre Freud et Jung*. Paris: Aubier Montaigne, 1981.
- WINNICOTT, D. (1947). La haine dans le contre-transfert. In : *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: PBP, 1969.
- _____. (1969). L'usage de l'objet et le mode de relation à l'objet au travers des identifications.



A pulsão de morte na dinâmica transferencial

In: *La crainte de l'effondrement et autres situations cliniques*. Paris: Gallimard, 2000, p. 237, 240-241.

_____. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. (1979). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

_____. (1988). *La nature humaine*. Paris: Gallimard, 1990.

Recebido em 13/03/2012

Aceito em 04/04/2012

Revisão técnica de **Karem Cainelli**

Luciane Falcão

Rua Mostardeiro, 333/813

90430-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: lufalcao@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA